



ESCOLA E NEOLIBERALISMO: CONSTRUINDO UMA PEDAGOGIA TRANSGRESSORA

JESSICA ALMEIDA DAS NEVES BORGES; LUCAS AZEVEDO VIEIRA; DANIELE DE
SÁ; ELIZABETH DA SILVA COSTA; JORGE ADRIHAN DO NASCIMENTO DE
MORAES

RESUMO

O presente trabalho possui o objetivo de analisar o papel da escola como instrumento de controle social no neoliberalismo, destacando a necessidade de superar a neutralidade docente em favor de uma pedagogia transformadora. Baseado em revisão bibliográfica de teóricos da linha progressista da educação, o estudo demonstra como a escola historicamente molda comportamentos para manter a ordem vigente. No contexto neoliberal, essa função é intensificada pela lógica mercadológica, que reduz a educação à formação de "capital humano", priorizando eficiência e competitividade em detrimento da crítica social. Nessa perspectiva, a visão da neutralidade do professor sustenta o status quo, pois evita a problematização das desigualdades. Em contrapartida, uma pedagogia crítica visa à conscientização, incentivando alunos a questionar e transformar realidades opressoras. Logo, a pedagogia social emerge como alternativa, transcendendo a transmissão técnica de conteúdos para formar cidadãos críticos, já que a formação docente é central nesse processo, a fim de capacitar educadores a reconhecer as necessidades dos alunos, assim como adotar práticas emancipatórias. Professores conscientes de seu papel social podem fomentar autonomia e pensamento crítico, rompendo com a reprodução de normas neoliberais. Conclui-se que a escola, embora utilizada como mecanismo de controle, pode tornar-se espaço de emancipação. A superação da neutralidade docente e a adoção de uma pedagogia que transgride são essenciais para uma educação que promova justiça social. A formação de professores deve, portanto, priorizar o preparo para essa atuação transformadora, entendendo a educação como processo contínuo de libertação e construção coletiva de uma sociedade livre de influências desumanizadas pregadas no neoliberalismo.

Palavras-chave: Escola; Neoliberalismo; Professor; Pedagogia; Educação.

1 INTRODUÇÃO

A escola, enquanto instituição social, tem sido historicamente um espaço de reprodução de valores e normas que legitimam as estruturas de poder vigentes. No contexto neoliberal, essa função é amplificada pela lógica mercadológica que transforma a educação em um instrumento de formação de "capital humano", em detrimento de seu potencial emancipatório (Laval, 2004). Essa dinâmica reforça a neutralidade docente, a qual, longe de ser imparcial, atua como mecanismo de manutenção das desigualdades (Freire, 2021). Isso leva-nos a compreender a escola, a sala de aula, como um ambiente político, no qual o alunado passa a enxergar as suas realidades e analisá-las de forma crítica, exercendo, assim, a cidadania. Esse é o objetivo principal do ato educativo.

Diante desse cenário, a presente investigação emerge do seguinte problema: como a escola pode transcender seu papel de controle social e assumir uma função transformadora?

A relevância dessa discussão reside na urgência de repensar a educação como

ferramenta de conscientização e não apenas de adaptação ao mercado, que desumaniza os educandos com o objetivo de gerar mão de obra barata para o sistema. Autores como Chauí (2006) e hooks (1994) destacam que a suposta neutralidade da escola mascara sua atuação política, silenciando debates essenciais sobre justiça social. Portanto, é fundamental problematizar o currículo e as práticas pedagógicas que perpetuam a ordem neoliberal, em contraste com uma educação crítica e dialógica, na perspectiva de Freire (2021), o qual afirma que “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa.” (Freire, 2021, p.22).

Diante disso, este estudo tem como objetivo geral analisar o papel da escola como mecanismo de controle social no neoliberalismo, discutindo a necessidade de superação da neutralidade docente em favor de uma pedagogia transformadora e transgressora. Para tanto, apoia-se nos referenciais teóricos de Freire (2021), Laval (2004), Chauí (2006) e hooks (1994), que fundamentam a crítica à educação bancária e a defesa de uma práxis educativas comprometidas com a emancipação coletiva.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentando-se na análise crítica de referenciais teóricos centrais que discutem a relação entre educação, controle social e neoliberalismo. A metodologia consistiu em revisão sistemática de obras clássicas e contemporâneas, selecionadas mediante critérios de relevância teórica, autoridade dos autores e impacto acadêmico, priorizando pensadores como Paulo Freire (2021), Christian Laval (2004), Marilena Chauí (2006) e bell hooks (1994). De acordo com Fazenda (1999) metodologias como essa, do tipo bibliográfica e de cunho qualitativo, permitem que “a formação do pesquisador ocorra a partir de uma profunda consciência da importância da apreensão de diferentes óticas teóricas. Esta formação teórica multiperspectival, quando cuidada em suas diferentes possibilidades provoca a análise e dinamização da prática vivida (Fazenda, 1999).

Sendo assim, o processo investigativo envolveu: (1) levantamento bibliográfico em bases acadêmicas e obras referenciais; (2) leitura crítica e seletiva dos textos; e (3) análise temática de conteúdo, que permitiu identificar categorias centrais como controle social na educação, neutralidade docente e pedagogia transformadora. A interpretação dos dados focou na articulação entre as diferentes perspectivas teóricas, destacando tanto convergências quanto contradições nos discursos analisados.

A partir dessa perspectiva, embora o caráter exclusivamente teórico desta pesquisa represente uma limitação no que diz respeito à aplicação empírica imediata, a escolha por fundamentação em autores consagrados garante robustez analítica e oferece subsídios para futuras investigações que busquem testar essas proposições em contextos educacionais concretos. A opção metodológica por uma pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de mapeamento conceitual aprofundado sobre o tema, servindo como base para reflexões posteriores sobre práticas pedagógicas emancipatórias em contraposição ao modelo neoliberal de educação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados revela uma contradição fundamental no papel da escola contemporânea: enquanto instituição reprodutora das lógicas neoliberais e, simultaneamente, espaço potencial de resistência e transformação social. Os resultados demonstram que, conforme discutido por Laval (2004) em “A escola não é uma empresa”, o neoliberalismo transformou a educação em um instrumento de formação de mão de obra adaptável às

demandas do mercado, priorizando competências técnicas em detrimento do pensamento crítico. Esse fenômeno é evidenciado na padronização curricular e na avaliação meritocrática, que reforçam desigualdades sociais (Chauí, 2006). Outro teórico que também destaca essa questão é Mészáros, o qual salienta que são necessárias:

Práticas educacionais que permitam aos educadores e alunos trabalharem as mudanças necessárias para a construção de uma sociedade na qual o capital não explore mais o tempo de lazer, pois as classes dominantes impõem uma educação para o trabalho alienante, com o objetivo de manter o homem dominado. Já a educação libertadora teria como função transformar o trabalhador em um agente político que pensa, que age, e que usa a palavra como arma para transformar o mundo. (Mészáros, 2020, p. 12)

Diante disso, compreende-se que a escola não pode reproduzir as desigualdades, mas deve ser um espaço de conhecimento, de luta e de manifestação dos indivíduos em busca da igualdade e da erradicação de qualquer forma de preconceito e discriminação. É na escola que cidadãos são formados, ou seja, em que sujeitos se posicionam frente a um sistema que deseja enquadrá-los em uma estética que os recrimina.

Logo, a literatura também aponta caminhos para uma educação transgressora. Para Freire (2021), a educação não se baseava em conteúdos pré-programados, isso significa que o ato educativo não se constitui como prática de transmitir conteúdos, mas sim como prática da conscientização, já que essa “implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica”. (Freire, 2021, p.30)

Uma educação conscientizadora é uma educação que torna o indivíduo um cidadão que consegue enxergar seus problemas sociais e participar ativamente do processo de mudança. Nesse ponto, há diálogos entre Freire (2021) e hooks (1994), pois a autora também defende a ruptura com a neutralidade docente, sendo essencial para uma pedagogia engajada.

Sendo assim, nossas análises corroboram essa perspectiva, indicando que práticas pedagógicas dialógicas – onde professor e aluno co-constroem conhecimento – podem desestabilizar a ordem neoliberal. A Tabela 1 sintetiza as principais diferenças entre a escola como controle social e como espaço de emancipação:

Tabela 1 – Dualidade da escola no contexto neoliberal

Escola como Controle Social	Escola como Espaço de Emancipação
Currículo padronizado	Currículo flexível e contextualizado
Avaliação meritocrática	Avaliação formativa e inclusiva
Professor “neutro”	Professor politicamente engajado
Educação para o mercado	Educação para a cidadania crítica

Fonte: Os Autores, 2025.

Esses achados reforçam a necessidade de repensar a formação docente, como proposto por hooks (1994), para que educadores possam atuar como agentes de transformação. No entanto, é importante destacar as limitações estruturais: a resistência a mudanças curriculares e a precarização do trabalho docente dificultam a implementação dessas alternativas (Laval, 2004). É necessária, portanto, uma política educativa em vista das reduções das desigualdades sociais, já que:

como não há educação sem política educativa que estabelece prioridades, metas, conteúdos, meios e se infunde de sonhos e utopias, creio que não faria mal nenhum neste encontro que sonhássemos um pouco [...] que as desigualdades diminuam, em que as discriminações de raça, de sexo, de classe sejam sinais de vergonha e não de

afirmação orgulhosa ou de lamentação puramente cavilosa. (Freire, 2021, p.31)

Em síntese, embora a política neoliberal tente cooptar a educação para servir ao capital, as perspectivas transgressoras na escola – baseadas em pedagogias críticas – demonstram que a resistência é possível. Isso exige, porém, um projeto político-pedagógico consciente e coletivo, capaz de superar os limites impostos pela atual estrutura educacional.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa demonstrou a dualidade da escola no contexto neoliberal, confirmando sua função como instrumento de controle social através de currículos padronizados e avaliações meritocráticas, mas também revelando seu potencial transformador quando adota práticas pedagógicas críticas e engajadas. Embora limitado pelo caráter teórico e pela necessidade de estudos empíricos complementares, o estudo alcançou seu objetivo ao mapear os mecanismos de reprodução das desigualdades e apontar caminhos para uma educação emancipatória,

Portanto, destaca-se a importância da superação da neutralidade docente e da formação de professores como agentes de transformação social. Os resultados abrem perspectivas para futuras pesquisas que investiguem aplicações concretas da pedagogia crítica em diferentes contextos educacionais, reforçando a educação como espaço permanente de resistência e construção de pessoas justas, humanas e preocupadas com a transformação social, mesmo diante dos desafios impostos pela estrutura neoliberal vigente.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Unesp, 2006.

FAZENDA, I. C. A. **Novos enfoques da pesquisa educacional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 52 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: A Educação como prática da liberdade**. New York: Routledge, 1994.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**. Londrina: Planta, 2004. MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. 2ed. São Paulo: boitempo, 2008.